DOSSIÊ

MULHERES CAMPONESAS DO CONE SUL DE RONDÔNIA: NEGRAS, IDOSAS E ESQUECIDAS

RURAL WOMEN OF THE CONE SUL OF RONDONIA: BLACK, OLD-AGED AND FORGOTTEN

Lilian Reichert Coelho[11]
Larissa Cristina Pereira Ruas[12]

Submissão: 30/08/2016 Revisão: 13/09/2016 Aceite: 13/09/2016

Resumo: Por meio da abordagem jornalística, num híbrido de reportagem e perfil, apresentamos o contato com duas mulheres do campo remanescentes de um acampamento no interior de Rondônia. A produção jornalística originou-se do projeto de pesquisa Gênero, mídia e políticas públicas em Rondônia: Análise Crítica do Discurso governamental do Programa Territórios da Cidadania e proposta de comunicação e cidadania para/com as trabalhadoras em agricultura mobilizadas, desenvolvido pelo HIBISCUS – Grupo de Pesquisa e Extensão em Comunicação, Discurso e Gênero, da Universidade Federal de Rondônia, durante os anos de 2012 e 2014, com financiamento do CNPq e da SPM.

Palavras-chave: Gênero. Cidadania. Mulheres campesinas. Território. Região norte.

Abstract: In a hybrid of journalistic report and profile, we present our contact with two rural women remaining of a rural camp in Rondonia's countryside. This journalistic production had its origins in the scientific research Project Gender, media and public policies in Rondonia: Critical Discourse Analysis of the governmental program Citizenship Territories and proposals of communication and citizenship to/with rural worker women mobilized developed within HIBISCUS – Group of Research and Extension in Communication, Discourse and Gender, IN University of Rondonia, between the years of 2012 and 2014, with funds of CNPq and SPM.

Keywords: Gender. Citizenship. Rural workers. Territory. North of Brazil.

[11] Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia, criadora e líder do HIBISCUS – Grupo de Pesquisa e Extensão em Comunicação, Discurso e Gênero, da Universidade Federal de Rondônia, até 2015. Pesquisadora CNPq e HIBISCUS. Contato: lilian.reichert@pq.cnpq.br.
[12] Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Rondônia. Pesquisadora bolsista do HIBISCUS. Contato: larissacpruas@gmail.com.

O caminho foi longo. Depois de uma hora e meia, chegamos ao primeiro obstáculo: atravessar a ponte. Descemos do táxi e começamos a descarregar nossa bagagem para fazer baldeação sobre a ponte inacabada incendiada em outubro de 2012, um dia antes das eleições. Depois da travessia e de pelo menos 40 minutos de espera, nosso transporte chegou, um caminhão Agralle daqueles bem antigos.



Ponte sobre o rio Pimenta, Rondônia. Foto: Larissa Ruas.

As mulheres idosas que também esperavam foram na cabine. Subimos e entramos no baú em pé, segurando numa barra de madeira. Seguimos balançando por causa dos buracos na estrada, até que o caminhão parou e nos disseram, em tom de troça: "podem descer, mas cuidado com as onças". O sol já estava baixo quando descemos do caminhão com várias bolsas, câmeras e tripé, pois já passava das cinco da tarde. À frente, avistamos duas casas de madeira cobertas com lona e folhas de coqueiros e um barracão.

Imediatamente, os cachorros vieram nos receber, latindo e nos rodeando, e outro olhar desconfiado nos atendeu. "Boa tarde", disse ela, um pouco

assustada, por receber aquelas visitas repentinas. Apresentamo-nos e expusemos o motivo da visita: fazer um pequeno vídeo-documentário para mostrar como é o cotidiano das mulheres, as relações de gênero e as dificuldades do dia-a-dia na região abandonada pelo poder público e pelos órgãos "competentes". Perguntamos se poderíamos ficar uns dias ali, também acampados, para conhecermos um pouco da rotina daquele acampamento, daquelas famílias. Dona Maria respondeu, simpática, que podíamos. Respiramos aliviados, pois tínhamos receio de receber resposta negativa. Agora, mais tranquilos, a preocupação era outra: conseguir montar nosso acampamento de amadores.

A inexperiência era total, tanto na aventura jornalística quanto como mochileiros. Sequer sabíamos montar a barraca que um amigo nos emprestara. Depois de muito esforço, conseguimos. Anoiteceu, acendemos as velas que tínhamos tido o cuidado de levar. Seu Orlando, esposo de dona Menininha, a outra mulher acampada na beira da estrada que, no caminho que leva ao pequeno município de Chupinguaia, Cone Sul de Rondônia, acendeu as lamparinas e começou a conversar quando, de longe, avistamos uma pequena luz que, aos poucos, se aproximava. De repente, uma menina chegou correndo, querendo saber quem eram as pessoas que haviam chegado ao acampamento. A notícia já havia se espalhado por toda a redondeza. Todos já sabiam de nossa presença. A essa altura, dona Menininha, nossa principal fonte, que estava em um grupo de reflexão na casa de uma vizinha próxima, também já estava sabendo.

Perguntamos se ela era a "tão famosa" dona Menininha. Com um sorriso largo e simples, nos abraçou, disse que sim e já nos apresentou Vitória, a neta, e Thiago, o neto de Dona Maria. Disse também que, lá onde ela estava, todos já sabiam de uns estudantes que vieram acampar e conhecer o Acampamento Terra Boa. Ela foi logo preparar a janta, só que já tínhamos combinado de jantar na casa da Dona Maria. Voltamos para tomar um cafezinho preparado

especialmente para nós, conversamos e fomos dormir. Isso era por volta de vinte horas. Mesmo sem sono, deitamos porque, no outro dia, tínhamos que acordar às cinco. No início, demoramos um pouco até pegar no sono. Não estávamos acostumados com tantos mosquitos nem com aquele silêncio, além dos sons dos animais e dos galhos de árvores que balançavam forte ali perto.



Local onde acampamos, no "quintal" de Dona Menininha. Foto: Larissa Ruas.

Por volta das 5h30 da manhã, levantamos e começamos a nos arrumar para acompanhar dona Maria e dona Menininha no curso de pintura que acontecia todas as quintas-feiras no barracão da Associação Agrinova, localizada no Distrito de Novo Plano, do município de Chupinguaia. Como o acampamento fica distante 6 km do Novo Plano, a única solução para que dona Menininha e dona Maria conseguissem chegar a tempo era pegar carona com um ônibus escolar que passava pela linha para apanhar as crianças da região. O ônibus passou por volta das 6h30 mas, quando eram 6 horas, já estávamos prontos. Dona Menininha tratou os animais, lavou louça, fez café, pipoca doce, nos convidou para tomar café com ela, se arrumou e, quando o ônibus parou, logo convidou:

- Vamos? Entra, gente!

Assim que entramos, perguntamos ao motorista:

- Estamos fazendo um documentário. Por isso, estávamos filmando lá fora, mas não iremos filmar as crianças, claro. Podemos ir com vocês até Novo Plano?

Desconfiado, ele fez que sim com a cabeça. Como ainda ajustávamos a câmera, para facilitar o trabalho na associação, o motorista gritou que não tínhamos permissão. O clima ficou um pouco tenso. No entanto, ao longo do caminho, enquanto as crianças entravam no ônibus, ficavam todos mais descontraídos.

Assim como dona Menininha e dona Maria, outras mulheres idosas precisavam da carona do ônibus escolar, e o veículo foi, aos poucos, ao passar de casa em casa, lotando. Acredito que a rispidez do motorista tenha ocorrido em razão de alguma denúncia, pelo fato de carregar pessoas em pé. Naquela manhã, éramos nós e as senhoras. O motorista deixou bem claro que não gostava nada da gente ali. Logo que chegamos ao patrimônio, como chamam, ao desembarcarmos, o motorista disse a dona Maria que era a última vez que ele as levava e que daria carona apenas às outras pessoas.

-Aí não tem como... Como é que nóis vem? - perguntou, indignada, dona Maria.

-I é, né! Tem que vê que a gente tem que aprender alguma coisa no mundo. A gente não vive só de arroz e feijão, não, a gente tem que ter um futuro no mundo! – filosofou dona Menininha.

- Ele está caçando um jeito da gente fazer um abaixo-assinado para tirar aquela praga dali! – analisou dona Maria, referindo-se ao prefeito do município.

Sem nos intrometer na conversa, ainda pensávamos que o motivo era nossa presença.

Antes de chegar à Associação onde era ministrado o curso, as duas mulheres passaram pela padaria para comprar pães para o almoço, já que só

voltariam às catorze horas para casa. Esse é o horário do ônibus levar as crianças de volta. Depois de andarmos um pouco, chegamos ao local do curso. Lá, numa ampla sala simples, elas já ocuparam seus lugares, tirando as cerâmicas para colocar o tecido por cima e começar a desenhar o risco.

Quinze mulheres – jovens e idosas – participavam das atividades da Agrinova, todas queriam aprender alguma atividade para complementar a renda familiar. Dona Maria revelou habilidade incrível para pintura. Em pouco tempo, concluiu um lindo pé de maçã. Já dona Menininha parecia sentir um pouco de dificuldade em exercer o trabalho. Ela já participava dos cursos oferecidos pela associação havia dois anos, pois acreditava que podia melhorar um pouco a renda da família dessa forma. Empoderamento econômico é ainda uma questão a ser resolvida no meio rural.

- Sabe, sei que não pinto muito bem, mas a gente tenta – justificou-se dona Menininha. Agora está mais tranquilo... Aposentei tem uns quatro meses e, depois, meu velho também conseguiu. Ele vai receber a aposentadoria pela primeira vez esse mês, aí as coisas vão melhorar - profetizou, sorrindo.

O acampamento Terra Boa teve início em 2004, quando um grupo de pessoas ocupou alguns alqueires de terra à beira da BR-364, próximo da cidade de Pimenta Bueno, Rondônia. Cansada de trabalhar como doméstica, de sofrer preconceito e na busca por "uma vida melhor e um pedacinho de terra", a família de dona Menininha decidiu enfrentar as dificuldades da vida em um acampamento. De acordo com informações das famílias remanescentes, depois de pouco tempo no local, o Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária (INCRA) retirou-os daquela região e os levou para a beira da estrada onde estavam, mais precisamente, para o distrito de Novo Plano, onde se formou o Acampamento, que, depois, recebeu o nome de Terra Boa. Oito famílias migraram para o local na época e muitas outras chegaram, aos poucos, de diversas regiões, para ocupar também. Das mais de cinquenta famílias que já

ocuparam o local, as únicas que, depois de nove anos[13], ainda persistiam, esperando o governo definir sua situação, eram as famílias de dona Menininha e dona Maria, que ainda sonhavam com seus lotes.

- Faz nove anos que a gente tá aqui. O Incra veio aqui só quando a gente chegou; depois, nunca mais. A cesta que a gente tem que receber todo mês, às vezes vem um mês, fica três sem vim. Graças a Deus, a gente não precisa agora. Estou aposentada, o Orlando faz uns servicinho por fora, mas eu fico pensando: e se a gente precisasse? - questionou dona Menininha.

Dona Maria foi mais além:

- No início, o povo passava aqui gritando: vagabundo! Vão trabalhar! Foi difícil, ninguém gosta de ser xingado. Agora não, agora as pessoas já conhecem a gente, respeitam, mas, no começo, ninguém queria dar serviço para o meu marido, pensavam que a gente não prestava - relembrou dona Maria.

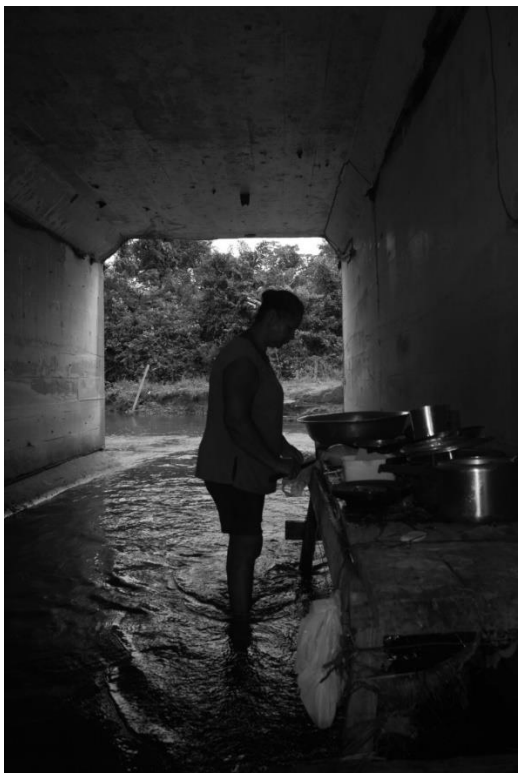
Difícil descrever as dificuldades que essas mulheres enfrentam no dia-a-dia, as tarefas diárias para levar a vida e tentar melhorar. Mesmo assim, carregavam sorrisos sinceros. Todos os dias elas acordavam cedo, faziam o café para seus maridos e netos. Cuidavam dos animais, do quintal, da pequena plantação de feijão. Varriam quintal, buscavam água no rio e na mina, pelo menos três vezes ao dia. E, quando perguntamos qual o trabalho elas, responderam que "apenas cuidavam da casa, e, às vezes, ajudavam o marido", realidade de muitas mulheres do campo, que não têm reconhecidas suas atividades como trabalho.

- Agora não vou muito no rio buscar água e nem lavar louça, por causa das minhas varizes. Quem faz isso é o Orlando e a Vitória. Só vou quando eles não estão aqui – explicou dona Menininha.

Já dona Maria disse que ia todos os dias ao "corgo" lavar louça, que ficava tão ariada que eles nem precisam de espelhos em casa. Na volta, aproveitava e trazia um pouco de água.

[13] Em 2016, 13 anos.

- Faço esse caminho umas três vezes ao dia. Minhas mãos estão com problemas nas juntas de tanto eu ficar naquele rio. São nove anos, nove anos indo lá todos os dias, lavando louça, lavando roupa. É muito sofrimento, por isso, fiquei assim. Nesse momento, dona Maria generosamente mostrou as mãos com as marcas do trabalho pesado.



"Já estou cheia de doenças de tanto ficar naquele rio", reclamou dona Maria.
Foto: Larissa Ruas.

Ao conhecê-las, percebíamos as idiossincrasias e também as semelhanças, principalmente, no que diz respeito à vida sofrida. Elas se ajudavam na rotina diária, dividiam as dificuldades e as alegrias. Além dos trabalhos, tanto domésticos quanto da roça, do quintal, das "ajudas" para os maridos, ainda carregavam a responsabilidade do cuidado com os netos, já que as mães ou pais das crianças tentavam a vida na cidade, decisão de muitos jovens do campo, pela falta de perspectiva. Mesmo sem energia elétrica, sem água encanada, sem banheiro adequado, morando em um barraco com chão de terra

batida, tendo apenas um quarto, forrado de lona e palha de coqueiro, sem conforto, seguiam sorridentes, trabalhadoras e esperançosas de que a realidade um dia melhorasse. Sobre isso, elas devaneavam, dizendo-se na esperança de que, da próxima vez que voltássemos, quem sabe, poderíamos visitá-las em seus sítios, em suas casas próprias.

- A vida da gente é muito sofrida, sabe, mas a gente tem que lutar – afirmou, com firmeza, dona Menininha, nascida em Minas Gerais Gevinilia Monteiro dos Santos. Aos 57 anos, ainda não sabia escrever nem ler. Entendia pouco de tecnologia, mas demonstrou uma sabedoria de vida muito grande. Mulher negra, simples, forte, sorridente e trabalhadora, não desistiu de sonhar e esperar por uma vida melhor e ver a neta "adulta e estudada".

- Não gosto de morar aqui, não. Meu sonho é ir embora, ter minha terra, minha casa - desabafou dona Maria.

Mulher sofrida, com um olhar muitas vezes distante e um coração enorme, era uma batalhadora e exímia cozinheira, não tinha medo de dizer o que pensava, de ir atrás dos seus direitos, mesmo não sabendo ler. Escrevia apenas o nome, mas não tinha vergonha de ser o que era. Ela sonhava ter o próprio sítio, numa terrinha com quintal para plantar horta, cultivar flores, enfim, ter casa, chão, identidade.

Dois anos depois, em 2014, retornamos ao assentamento, com a notícia da morte de dona Maria. Mais uma vez, o descaso dos poderes públicos. Ela havia revelado, em entrevista, que temia pela saúde do marido, já abatido, pela falta de socorro médico na região. E, justamente, ela faleceu devido à precariedade de atendimento.

Na nossa última visita ao acampamento, em janeiro de 2016, levamos algumas fotografias que havíamos revelado do ensaio feito durante nossa estada lá. Separamos algumas fotos de dona Maria, dona Menininha, Vitória e Thiago. Ao chegarmos no local, uma sensação de tristeza, por não ver mais a casa de Dona Maria; restavam apenas madeiras e o mato crescia em meio ao lugar vazio.

Dona Menininha não estava em casa, apenas seu Orlando nos recebeu, dizendo que ela tinha ido receber aposentadoria na cidade, mas chegaria dali a pouco. Aproveitamos que ela não estava para explorar os arredores. Passamos por Novo Plano e seguimos adiante rumo à Associação Nova União, onde um tio[14] tem um sítio. Ele contou que também ficou acampado no Terra Boa, mas logo saiu para ocupar as terras que, agora, são suas. Ele disse também que cansou de esperar pelo INCRA no acampamento Terra Boa e decidiu ir para outro local, onde conseguiu um lugar privilegiado. "Foi difícil decidir sair dali, as pessoas me chamavam de doido, perguntavam o que eu queria fazer aqui no Novo Plano, teve briga, confusão na região, mas consegui meu pedaço de terra", disse ele, após nos mostrar o gado que comprou através do financiamento PRONAF.

Despedimo-nos e retornamos para a casa de dona Menininha, para saber se ela já havia chegado da cidade. Lá, ela e a neta Vitória nos receberam com o mesmo abraço apertado e o sorriso largo de antes. Disse que estava com saudades e que sempre lembrava de quando estivemos acampados ali com elas. Também nos contou que a terra tão sonhada que finalmente conseguiram, em um assentamento da região, estava ocupada por outra família. "O INCRA nos colocou num carro com um policial e nos levou até lá, no assentamento da antiga fazenda Santa Elina. Quando chegamos, vi meu sítio. É lindo, do jeito que sonhei, mas tem gente morando lá. Disseram que têm documento do INCRA", explicou.

Sem sucesso na "viagem", ofereceram-lhe outras terras próximas a Machadinho d'Oeste[15], mas ela recusou. "Não tenho como ir para lá, fiquei aqui esse tempo todo, consegui meu sítio aqui, me deram o papel para, agora, depois de tanto sacrifício, nos mandarem para lá? Já somos velhos e a malária castiga muito naquela região" – explicou.

[14] De Larissa
[15] Município localizado na região central do Estado de Rondônia.

Depois de falarmos sobre nós, de como estávamos, que não moramos mais em Rondônia, ela disse que ficava "alegre" em saber e que quer ver Vitória assim como a gente, "correndo o mundo, estudando". Entregamos-lhe as fotos que havíamos revelado, ela pareceu feliz e chorou, dizendo: "Não acredito que vocês lembraram da gente. Olha, Orlando, vem ver a gente na foto." Ao ver as fotografias de dona Maria, emocionou-se mais uma vez:

- Olha... Maria, coitada! Nem aproveitou a vida, foi tão cedo, quantas saudades tenho dela. Disseram pra gente que ela morreu de dengue. Mandaram uma ambulância para levar a Vilhena[16], mas ela morreu no caminho", lembrou, com os olhos marejados. O INCRA disse que, se a gente saísse daqui, íamos perder nosso direito à terra; por isso ficamos aqui, esperando. Maria tinha problemas de saúde e ficar dentro do rio para lavar roupa, lavar louça todo dia estraga a gente. Ela não aguentou.

[16] Cidade-polo da região do Cone Sul de Rondônia.